

## DO MARTELO À CRUZ: TRANSIÇÃO RELIGIOSA DOS VIKINGS ESCANDINAVOS ENTRE OS SÉCULO IX AO XI

Rodrigo Queiroz de Aguiar\*  
Lizandro Poletto\*\*

**RESUMO:** A proposta do presente texto é compreender como foi o processo de transição religiosa dos Vikings escandinavos entre os séculos IX e XI. A problemática deste trabalho faz refletir as causas e quais foram as táticas empregadas no processo de conversão e de cristianização na Escandinávia. O desenvolvimento do poder centralizado na Escandinávia facilitou a administração de cada região (Dinamarca, Noruega e Suécia) e provocou a chegada dos missionários enviados pela corte francesa, inglesa, alemã e do papado romano com a finalidade de conversão e cristianização dos vikings da Escandinávia. O texto explora então a importância da relação de poder e social através da conversão dos reis escandinavos pelos missionários cristãos, a importância de contato através das colonizações e explorar a aplicação da nova religião ao povo de cada reino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Era Viking. Mundialização Viking. Conversão e Cristianização Viking.

### 1. INTRODUÇÃO

O objetivo central do texto é compreender como foi o processo de transição da religião pagã dos povos vikings da Escandinávia para o Cristianismo dos séculos IX ao XII. No decorrer do texto é busca-se estabelecer alguns objetivos e descrever sobre os vikings escandinavos do século VIII ao XII: quem eram esses povos antes da expansão, sua localização geográfica e periodização; Demonstrar como foi o processo de expansão dos povos vikings escandinavos entre os séculos IX e XI; Investigar o processo de consolidação do cristianismo na Escandinávia durante os séculos X ao XII.

---

\* Formando do sexto período do noturno do curso de História do Instituto Superior de Educação da Faculdade Alfredo Nasser, no semestre letivo 2019/2. E-mail: drigo677@gmail.com

\*\* Doutorando em Ciências da Religião – PUC/GOIAS, Mestre em História – UFPR-PR, Tecnólogo em Gestão em Recursos Humanos – FEAC-ES, Teólogo -PUC-PR, Teólogo - PUL – Roma Itália. Bacharel em Direito – FAN-GO, Pedagogo -ULBRA-RG, Filósofo – FBB-BA, Historiador-FAN-GO, Administrador – FAN -GO, Cientista Social – ULBRA-RG, Geógrafo -FEAC-ES, Licenciado em Educação Física – Faculdade Ideal -DF. Professor da Faculdade Alfredo Nasser, Aparecida de Goiânia, GO. E-mail: lizandropoletto@hotmail.com

O intuito principal desse texto é a ampliação do imaginário sobre os povos germânicos no Brasil. E compreender que a mudança de religião de determinado grupo ou civilização é um grande objeto para o Historiador ponderar esse movimento.

Fulcral compreender o processo histórico e cultural da Escandinávia, seguindo as novas propostas da historiografia no estudo das diversas especificidades da civilização mundial. A religião é um componente cultural e diversificado, e a transição da religião pode ser observada pelo historiador como um fator determinante na mudança dos hábitos e comportamento de indivíduos, grupo e também das sociedades.

Através da memória de outras sociedades humanas, a história vai estruturando em método para demonstrar o modo de vida daquelas sociedades e que esse processo possa ser entendido até os dias atuais. A contemporaneidade de cada civilização é resultado de conflitos culturais e materiais na construção das identidades e contribui para compreender o processo de multiculturalismo das nacionalidades.

O cosmo pagão dos povos vikings vem seduzindo até hoje o mundo moderno. A utilização dessa civilização nos livros literários, filmes, obras de teatros, músicas e entre outros<sup>1</sup> manifesta o interesse das pessoas pela imagem do mundo germânico mítico. Toda essa indústria de filmes sobre a cultura escandinava medieval contribui com a preservação da memória de tal sociedade.

O procedimento metodológico deste texto é de cunho bibliográfico e que exige a análise de livros, periódicos e impressos diversos sobre a transição religiosa e de costumes dos povoados vikings. A pesquisa propôs a investigação que possam esclarecer como se deu o processo de transição de religião dos vikings da Escandinávia, e de acordo com a discussão propor esse período longe de anacronismo. Após realizadas as análises bibliográficas, à escrita dos resultados abordando a narrativa para concluir a reflexão sobre os objetivos.

---

<sup>1</sup> Série Vikings e O Último Reino e o filme do herói da Marvel o Thor é um exemplo dessa reprodução da cultura nórdicas nas telas.

## 2. A ERA VIKING

Do mesmo modo, faz-se necessário ressaltar, em primeiro lugar, o que é interessante buscar da dissolução para investigação à propósito dessa sociedade, partamos agora para desenvolver a questão das quais: o que era e quem eram os vikings? É possível empregar uma periodização para os vikings? E aonde se localizava sua civilização? O intuito agora é tentar o resultado para essas perguntas a partir da interpretação de diversos autores medievalistas.

Gwyn Jones<sup>2</sup> conceitua a era viking como “movimento vikings”, pois se constituíram em povos aventureiros e buscaram contatos com outras civilizações em busca de colonizar, negociar e saquear. Os vikings são os Homens do Norte (Setentrional Europeu), entretanto só vão ser chamado por esse nome no século XVIII, e que ganhará força no século XIX com a criação da mentalidade nacional dos países da Escandinávia como, por exemplo, Suécia e Noruega, E que significava na língua Nórdica antiga “aventureiros”, “piratas” ou “mercenários” e em sua época ou eram chamados de Norsemen, nórdicos ou de Normandos<sup>3</sup>.

Autores apresentam uma discussão a propósito de como estabelecer a periodização da era viking, nesta ocasião o autor vai ponderar um estudo mais ampliado e se contrapor uma periodização uniforme para aqueles povos. De acordo com:

A ideia de uma periodização unificada para todo o norte da Europa é contestada, também, pelo fato de que, no início da Era Viking, Noruega, Dinamarca e Suécia não existiam como reinos separados. Nesse momento (700/800), as regiões, que posteriormente viriam a formar tais reinos, eram comandadas por alguns chefes regionais que governavam os habitantes de menores distritos. Posteriormente, ocorre gradualmente a centralização dos poderes nas mãos de um número menor de reis que vêm formar, nesta ordem, os reinos da Dinamarca, Noruega e Suécia (PALAMIM, 2013 p.20-21).

Diante da periodização da história, para se melhor estruturar, é adequado se compreender períodos pré-vikings. Os nórdicos têm raízes na civilização germânica do quarto milênio antes de cristo, que diante das melhoras climáticas do período glacial na Escandinávia e a partir das movimentações humanas sobre

---

<sup>2</sup> Gwyn Jones fez seu nome como historiador literário e escritor, produzindo vários livros altamente respeitados. Ele lecionou no departamento de inglês da Aberystwyth University, do final dos anos 1940 a 1964. O aclamado livro de Prof Jones, A History of the Vikings, foi publicado em 1968 e vendido em todo o mundo.

<sup>3</sup> Vikings que se estabeleceram em território Francês.

aquele território. Esse período distante foi de grupos preenchendo espaço, a revolução da época é a agricultura, a pesca e um certo tipo de artesanato rudimentar.

A Idade do Bronze que sucede a um período pré-histórico dos nórdicos ocorre só no primeiro milênio antes de Cristo. Neste período os nativos vão principiar a construção de instrumentos mais sofisticados em comparação com a época anterior. Arqueólogos vão destacar que essa mudança de período será importante para a criação de rituais fúnebres mais sofisticados e uma condição favorável para economia, o que vai isolar essa civilização, como afirma o autor Gwyn Jones. O período da Idade de Ferro é decisivo para aqueles povos, é o momento que ocorre mudanças climáticas e é conhecido como período de depressão e que séculos depois vai possibilitar o contato dos vikings com outros povos.

Todavia, a tradicional periodização vikings é apresentada no dicionário de história e Cultura da Era Viking por Johnni Langer como primeira e segunda era viking. A primeira periodização se trata dos séculos de invasões vikings e das colonizações pela Escócia, Britânia, Irlanda e entre outros territórios. E a Segunda periodização o autor vai destacar os momentos de fortalecimento do poder central e o enrijecimento das dinastias e a cristianização desses povoados. Nesta ocasião se compreende que a periodização é uma melhor partição para se estudar a expansão viking até a transição religiosa.

E para se responder a última questão torna-se necessário explicar sobre a região desses Nórdicos e a Escandinávia. Dentro disso, de acordo com Langer (2015, p.226-227), a propósito das regiões dos vikings:

Escandinávia é um termo geral que designa uma região do norte europeu definida, pela geografia, cujos contornos foram também elaborados por referenciais históricos e linguísticos. Alguns geógrafos a definem como a península montanhosa situada entre Noruega e Suécia, enquanto outros conceituam baseando-se nos antigos reinos da Suécia, Noruega e Dinamarca.

“A palavra “Escandinávia” é derivada do germânico e significa “a perigosa terra sobre a água” ou “ilha perigosa” (2008 apud HELLE, 2013)”. Foi por causa de sua geografia cercada de mares, recifes e bancos de areias que esses povos

foram obrigados a dominar o mar e os principais transportes dos vikings eram os barcos. A dinâmica de viajantes que levou essa civilização a invadir e negociar, se alastrando pela Europa, parte da Ásia, América e o norte da África. A consolidação das Monarquias vai estabelecer as fronteiras de cada reino da Escandinávia. Embora no texto não é mencionada nenhuma vez a Finlândia, seu território pertencia a Suécia nesse período.

A história de uma civilização grandiosa, e que diferente do imaginário, não é só uma civilização pirata e violenta (barbara) os vikings possuíam riquezas históricas. Como sua cultura é dinâmica, são aqueles povos que preservam o comércio com o oeste da Europa (Inglaterra e França), Alemanha, Império Bizantino, Espanha até a Sicília, ou seja, conduziram naquele período uma sociedade de contato e distante da ideia de Isolamento.

### **3. A MUNDIALIZAÇÃO DOS VIKINGS: CONTATO ENTRE VIKINGS E OS POVOS DA AMÉRICA DO NORTE, ÁSIA, EUROPA E ÁFRICA**

Uma sociedade dinâmica que vai fincar raízes culturais e econômicas em outros territórios, fazer integrações e assaltos. Tudo isso explica uma expansão daqueles povos na Europa, na Ásia, na África e até em regiões da América.

Durante a Alta idade Média foi um período de expansão e consolidação da Cristandade. Carlos Magno no século VIII propiciou essa expansão do Cristianismo pelos territórios dos Saxões, Frísios, Germânia e até chegaram a invadir e buscaram cristianizar os eslavos. De acordo com Le Goff (2016, p.41) “A leste, Carlos Magno inaugurou uma tradição de conquista em que se mesclavam massacre e conversão, cristianização forçada que a Idade Média praticaria por muito tempo.” Por conseguinte, manifesta-se a ampliação da fé cristã em territórios mais distantes de Roma.

Diante dos arranjos do século V, ou seja, das invasões germânicas e da queda do mundo romano, a cristandade tomou o processo de reocupação desse novo mundo da Europa Ocidental, entretanto não demorou muito para outros germânicos (e não só germânicos, como povos Muçumanos e Eslavos “magiares) e assim como Le Goff vai afirmar, o processo de expansão da

Cristandade é Interna com a cristianização dos bárbaros e reconquista da Península Ibérica e Externa com as Cruzadas séculos depois. Eram tempos de transição da Antiguidade Escravista em queda para o Feudalismo em construção por Carlos Magno.

A expansão viking só vai advir no período Medieval (Alta Idade Média), pois a Antiguidade foi um período de isolamento dos nórdicos. De acordo com o autor marxista Anderson (2016. p.194), “A Escandinávia ficara, é claro, totalmente de fora do mundo romano”. A expansão vikings será explicada por Perry Anderson<sup>4</sup> com pretextos e objetivos diferentes. O autor percebeu, além disso, que essa nova invasão provocada pelos vikings diferenciava-se da invasão germânica que pois fim ao Império Romano do Ocidente nos séculos V-VII d.C. e que essa invasão foi puramente comercial e pela procura de novas terras para produção.

Então seguindo as perspectivas de Anderson (2016) sobre a expansão de cada povo viking, o autor vai apresentar que a Noruega, devido à pouca quantidade de terra para a produção se voltou a expansão de novos territórios em busca de riquezas e terras para se fixar e suprir suas necessidades econômicas, enquanto os dinamarqueses fronteira com a Germânia (Alemanha ou Franquia Oriental) se destacaram pelas pilhagens e colônias nas terras conquistadas na Inglaterra e na Normandia “Localiza no Noroeste da França, uma região da França recebido em troca de fidelidade militar para defender o território dos francos de invasões dos bárbaros, convertendo Rollo (um líder viking) duque daquele ducado, no entanto era comum chamar aqueles povos de Normandos (homens do norte)” e por último e mais afastado do oeste europeu os suecos conhecidos como varegues foram importantes na expansão pirata no oriente, pelo qual negociavam com os Império Bizantino, com os Rus de Kiev e até com os povos mulçumanos. Assim foi sendo definido o objetivo de cada povo na sua expansão ultramarina.

Intui a formação social na Escandinávia totalmente empreendedora, expansionista e belicosa. O princípio dessa expansão foi a invasão e pilhagem do mosteiro de Lindisfarne em 793 d.C. e os próximos anos de 794 a 799 são

---

<sup>4</sup> Autor Marxista Inglês que destina um capítulo para explicar a influência deles para a construção do período medieval.

também de invasões e pilhagem. Entretanto, os vikings foram povos que as suas incursões se deram de formas diversas: povos descobridores (Groelândia, Vinlândia “região da América” e Islândia) e colonizadores - não só dos territórios descobertos, mas de nações invadidas como Inglaterra, França (Normandia), Irlanda, Escócia e entre outros. Chegaram a territórios longínquos para manter relações de comércio em regiões como Sicília e Península Ibérica Mulçumana ou até mesmo o Império Bizantino (pelos vikings Rus). Segundo Costa, Lemos e Paes Filho (2004, p.26):

Os vikings fizeram parte de uma das maiores ondas bárbaras que varreram a Europa da Idade Média, retardando por algum tempo o desenvolvimento social europeu, mas conferindo, em contrapartida, um novo vigor e uma nova e fértil semente ao terreno continental. Embora tenha entrado na história como piratas e saqueadores impiedosos, terminaram como governantes de reinos; (...) criaram alicerces de uma nova cultura.

A expansão e colonização dos nórdicos contribuíram com a diversidade da identidade nórdica. Sitiaram o noroeste da França, Irlanda, Escócia, Inglaterra, América<sup>5</sup>, chegaram a levantar colônia na Sicília, comercializar com mouros na Península Ibérica e África e abrangeram do mesmo modo uma grande expansão desses povos e uma relação econômica muito forte entre diversas civilizações.

Portanto, os Nórdicos se aventuraram e criaram novas formas de conexão em um mundo medieval muito mais recuado e que se recuperava das invasões germânicas do século V.

#### **4. TRANSIÇÃO DE COSTUME E RELIGIÃO DO PAGANISMO AO CRISTIANISMO**

---

<sup>5</sup> A literatura Nórdica vai ressaltar que os Vikings chegaram na América, ou seja, antes de Cristóvão Colombo, e que Colombo foi um navegador que recebeu a fama não por ser o primeiro a chegar ao continente Americano e sim por ter sucesso em colonizar esses territórios e os seus povos nativos. Logo se deduz que os vikings foram os primeiros a chegar, mas não apresentou sucesso na colonização, e que segundo algumas fontes foi temporário a colonização viking (Território chamado de Vinlândia, região da América do Norte) na América, que logo foi superada pelos povos nativos.

No século X os autores vão perceber uma transição vertical de religião na Escandinávia entre os séculos IX ao XII. Autores como Marc Bloch<sup>6</sup> que irão indagar se houve ou não resistência, pois foram apenas três séculos desse contato entre o paganismo nórdico e o Cristianismo da Europa Meridional. No andamento da mudança de religião, houve igualmente uma mudança nos costumes daqueles povos.

Antes de analisar a mudança de religião e dos costumes dos povos nórdicos é bom perceber as características de cada pensamento e contradição religiosa dessas duas fés. De acordo com a religião e cultura vikings:

A fé nórdica não possuía nenhum livro sagrado, nenhum dogma principal, nenhuma estrutura centralizadora de pensamento e coesão filosófica, a exemplo de outras religiões não-reveladas e politeístas da Europa. Pelo contrário, cada região e período da Escandinávia conheceu crenças diferentes, com variações também a nível social. Não existam conceitos absolutos de bem e mal. Desse modo, a religiosidade era muito mais baseada no culto do que no dogmático e metafísico;(LANGER, 2009, p.133).

O paganismo era constituído de um cosmo completamente diferente do cristianismo e não homogêneo, pois apresenta diferença em diferentes lugares. Interessante compreender que a mitologia nórdica continha um panteão com muitos deuses, com uma ligação com a natureza e com o cotidiano daqueles que o cultuavam. Para aqueles que morriam nas viagens era diferente, pois os guerreiros iriam para o “paraíso” valhalla e aqueles que distante da guerra iriam para o submundo da mitologia nórdica. Entretanto, em outra via o Cristianismo constituído de um monoteísmo ético, a punição dos pecados seria direcionada ao plano transcendental, possuía leis de eternidade, escatologia da salvação em contradição com a escatologia nórdica. Entretanto, o processo de conversão e cristianização foi organizado e concluído pelo Catolicismo. Agora é percebe-se quais foram os obstáculos e estratégias empregadas pelos missionários e os reinados cristãos na conversão dos povos nórdicos.

---

<sup>6</sup> Co-fundador, em 1929, da revista *Annales* (então intitulada *Annales d'Histoire Économique et Sociale* e atualmente *Annales Économies, Sociétés, Civilisations*), que havia sido obrigado a se esconder, pois era judeu, sob o regime de Vichy — entrou em 1943 na rede *Franc-Tireur* de la *Résistance* em Lyon, tendo sido fuzilado pelos alemães em 16 de junho de 1944 nos arredores desta cidade. Foi uma das vítimas de Klaus Barbie.



A transição religiosa vai conduzir uma outra configuração de cristianismo. O cristianismo não rompe totalmente com o paganismo nórdico, inicialmente a transição criou um certo sincretismo<sup>7</sup> religioso, ou seja, a combinação da cultura religiosa viking que se ligava ao cristianismo incorporado pelos escandinavos (nórdicos). De acordo Bloch (2015, p.57-58):

Quando os normandos aprenderam a conhecer Cristos e seus santos, habituaram-se rapidamente a trata-los como divindades estrangeiras, que era possível, com a ajuda de seus próprios deuses, combater e ridicularizar, mas cujo poder obscuro era demasiado temível para que a sabedoria, em outras circunstâncias, não consistisse em obter seu favor e em respeitar a misteriosa magia de seu culto. Não se viu, em 860, um *viking* doente fazer uma promessa a São Ricário? Assim mesmo, um pouco mais tarde, um chefe islandês convertido sinceramente ao cristianismo não deixava de invocar Thor diante de certas situações difíceis.

O processo de conversão foi distinto em cada reino da Escandinávia, sempre ligando o contato entre missionários vindos da França, Sacro Império e da Inglaterra com intuito de conversão dos reis e cristianização desses povoados.

O primeiro reino que advém por essa transformação é a Dinamarca, devido sua proximidade com a Europa meridional cristã e que de acordo com Oliveira “A Dinamarca possuía um maior contato com o Sacro Império, isso acabou levando a ter uma presença precoce e continua de missionários. Os primeiros missionários datam o início do século IX” (2015, p. 112). De acordo com Alexandra Sanmark<sup>8</sup> a primeira conversão da Escandinávia parte da Dinamarca, devido aos conflitos de sucessão, entre Harald Klak (826 d.C.) e Horik ambos em combate pela supremacia o trono da Dinamarca no século IX

---

<sup>7</sup> Sabemos que o sincretismo religioso é um tema complexo e muito discutido. Embora não se restrinja ao campo da religião, abrangendo também toda a cultura, tem sido mais debatido no âmbito da religião. Todas as religiões são sincréticas, são frutos de contatos culturais múltiplos, mas todas se julgam puras, perfeitas e não se querem misturadas com outras que seriam impuras (FERRETTI, 2007, p.106).

<sup>8</sup> A Dra. Alexandra Sanmark realizou sua graduação e pós-graduação na Universidade de Londres e obteve seu PhD sobre cristianização da Escandinávia na University College London. Ela foi então empregada no Departamento de Arqueologia da Universidade de Uppsala, onde foi Líder de Programa para o programa de mestrado Viking e Early Medieval Scandinavia. Depois de dois anos como pesquisadora no Instituto de Arqueologia da University College London, ela começou a trabalhar para a universidade em 2009, primeiro em Orkney e atualmente em Perth.

vai ser crucial para mudança de comportamento (religioso e cultural) na Dinamarca.

A aliança de Harald com a França possibilitou a sua conversão ao cristianismo e se consolidar ainda como vitorioso na disputa pelo reinado da Dinamarca. Entretanto, o processo de cristianização da Dinamarca se concretizava pouco tempo depois com Harold Haraldsson (960 d.C.) se consistiu em evitar conflito com e do mesmo modo para uma melhor conexão com os Francos.

Outro reino da Escandinávia que adota o cristianismo é a Noruega - um caso completamente distinto. O seu isolamento geográfico proporcionou um retardamento em comparação à Dinamarca que tinha mais contato direto com os povos germânicos e Francos. Entretanto, diante as viagens e os contatos esses povos foram sendo convertidos em solos cristãos. Foi no século X com Haakon o Bom (920-961 d.C.), um rei norueguês que foi convertido na Inglaterra sobre a tutela do rei inglês Athelstan e que logo tentou cristianizar a Noruega, porém a tentativa de mudança de religião, cominou a derrota de Haakon pelo Rei pagão Harold Capa Cinzenta e que conduziu a Noruega a um período depressão econômica e subjugou a Noruega aos dinamarqueses devido a suas alianças. Foi preciso intervenção de um rei cristão da Dinamarca Harold Dentes Azuis e de um jarl de Lade para depor o último rei pagão. Logo após, Olaf Trygvason convertido ao cristianismo<sup>9</sup> também foi o rei norueguês que conduziu a cristianização de seu território. De acordo com Oliveira (2015, p. 113):

A sua conversão, acredita-se, faz parte de um acordo político com Inglaterra, garantindo uma aliança. Em 995, Olavo assume o reino e, segundo a *Heimskringla* e a *Gesta danorum*, impõe a conversão da Noruega, além de exercer pressão sobre outras regiões, como a Islândia.

A Suécia é o último reino a se converter ao cristianismo, consolidando a nova religião somente no século XI. Embora teve pouco impacto do Império Bizantino e do Oeste Europeu, mas grande influência da Dinamarca e da

---

<sup>9</sup> Não se tem precisão se foi convertido ao cristianismo em solo dinamarquês ou na Inglaterra no tempo de suas invasões.

Noruega. O primeiro Rei a se converter para o Catolicismo é Olof Skötkonung (980 – 1022 d.C.) que acolheu a entrada dos missionários até a sua conversão. Suas medidas para a consolidação cristã foi construir santuários, destruir centros pagãos, cristianizar na violência o povo e combater os chefes sacerdotais. Diferente da Dinamarca e Noruega que houve a influência do Oeste europeu a Suécia foi influenciada pela Noruega e Dinamarca já cristianizada, ou seja, povos próximos e que conduziram a transição de religião. Os missionários foram ganhando privilégios e espaço e como em outros reinos na Escandinávia o processo vai possibilitar uma cristianização verticalizada, pelo qual o rei a partir de coerção vai proporcionar a transição religiosa.

A explicação dos conceitos de conversão e cristianização contribui para compreender pouco a pouco dessa transição. De acordo com a autora inglesa Sanmark a conversão é o primeiro estágio para o processo de introdução da cristandade em alguma sociedade. Toda via a conversão é uma individual concepção de mudança total da vida religiosa (ou seja, a conversão de líderes por missionários ou representantes religiosos). Enquanto a cristianização o processo é constituído pela mudança religiosa de uma sociedade por indivíduos, ou de grupos missionários (cristianização empregada por monarcas a grupos aristocratas e ao seu povo).

Diversas táticas foram empregadas para a cristianizações desses povos, na Noruega e Suécia a coerção militar, destruição de templos e opressão e assassinatos de chefes e sacerdotes tribais foram os instrumentos empregados para a mudança religiosa, embora na Islândia (colônia norueguesa) com uma sociedade horizontal propôs a cristianização do seu reino a partir de uma assembleia chamada Althing e de acordo com Johnni Langer “Se na Noruega a cristianização foi violenta, na Islândia novos arqueólogos vão chamar atenção que essa cristianização pela assembleia teve uma violência simbólica, apesar de não ser física ela se apresenta como jurídica.” Portanto, mostra uma representação política na transição religiosa na Islândia.

Todo esse processo condiciona ao processo histórico de Reis convertidos e que através da mudança de comportamento e costume religioso, impôs a cristianização de seu povo em cada território da Escandinávia. Houve resistências, mas a força de cada Estado centralizado proporcionou

gradualmente a cristianização da Escandinávia (Suécia, Dinamarca e Noruega). A construções de templos cristãos, a transição do conhecimento da Igreja pelos missionários e as adaptações culturais vinda da Europa Meridional.

Múltiplos fatores facilitarão esse processo, buscando responder pela totalidade, a insistência dos reinos meridionais cristãos (França, Inglaterra, Roma e Sacro Império) pela cristianização do norte europeu, a importância dos bispos que contribuíram na conversão dos líderes pagãos da Escandinávia e também de espalhar a fé cristã para os interiores dos reinos escandinavos. Outro aspecto fundamental foi o contato e as colonização que forçaram o contato entre vikings e cristãos e a sua conversão. E para finalizar a centralização proporcionou uma verticalidade no poder e o uso da força pelas mãos dos reis. Em citação da (SANMARK 2004, p.90) sobre a penetração do cristianismo é possível salientar que:

Esta seção tem demonstrado que as forças mais significativas nas conversões da Suécia, Dinamarca e Noruega vieram das camadas superiores da sociedade. Havia entretanto algumas diferenças importantes entre as posições dos governantes nestes reinos. Harald Gormsen era um governante que, embora dependente do apoio da aristocracia, parece ter governado um reino consolidado. Parece, portanto, improvável que ele precisava para usar ativamente a força militar, a fim de aprofundar o cristianismo na Dinamarca. A Noruega, por outro lado, não estava unida um governante. Como foi apontado acima, as tentativas dos dois Olafs para espalhar o cristianismo eram apenas parte de suas lutas para se tornarem governantes de um reino consolidado. A resistência a estas tentativas parece ter causado guerra civil. Nem a Suécia ainda era um Reino Unido. As ações dos reis e chefes suecos, no entanto, diferem significativamente dos de seus homólogos noruegueses. Há poucas evidências que sugerem que eles tentaram espalhar Cristianismo por meios violentos. A evidência geral, portanto, sugere que os governantes na Suécia estavam em posições menos poderosas do que os reis dinamarqueses e noruegueses.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> This section has demonstrated that the most significant forces in the conversions of Sweden, Denmark, and Norway came from the top layers in society. There were however some important differences between the positions of the rulers in these realms. Harald Gormsen was a ruler who, although dependent on the support of the aristocracy, appears to have governed a consolidated realm. It therefore seems unlikely that he needed to actively use military force in order to further Christianity in Denmark. Norway, on the other hand, was not united under one ruler. As was pointed out above, the attempts of the two Olavs to spread Christianity were only part of their fights to become rulers of a consolidated realm. Resistance to these attempts seems to have caused civil war. Nor Sweden was yet a united kingdom. The actions of Swedish kings and chieftains, however, differ significantly from those of their Norwegian counterparts. There is very little evidence to suggest that they tried to spread Christianity by violent means. The overall evidence thus suggests that rulers in Sweden were in less powerful positions than both Danish and Norwegian kings.

Conclui-se que a mudança religiosa dos vikings constituiu também uma mudança de costume gradativa, que proporcionou o fim das incursões, que o fim da periodização tradicional dos vikings se dá no século XI em (1066) com a vitória do Guilherme o Conquistador (Duque Normando e Rei da Inglaterra ou “anglo-normando”) sobre o exército de Harold na batalha de Hasting. E a cristianização sedentarizou esses povos e fortaleceu ao mesmo tempo ainda a monarquia desses reinos da Escandinávia.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente texto buscou apresentar à cultura viking e suas mudanças. Portanto foi interessante destacar os aspectos religiosos daquela civilização, e que mostra mudanças nos seus hábitos. O mito e sua organização através do imaginário e a transição para um cristianismo único no norte Europeu. Ao contrário das atribuições negativas de isolamento da Idade Medieval, os vikings são um exemplo forte dessa condição.

Embora não houvesse um mundo globalizado igual aos dias atuais, os vikings condicionaram os contatos comerciais com a Constantinopla, explorou alguns lugares na América, que não houve sucesso e o contato com oeste europeu e africano. Portanto mostra o mito do isolamento medieval.

A era viking é um complemento da periodização sistemática da Alta idade Média, foram povos dinâmicos e que diferentes dos estereótipos ligados ao seu povoado (povos com capacetes de chifres ou sanguinários) representava uma sociedade que participou em muito das mudanças e do movimento real da história no Ocidente.

O nacionalismo e a criação de estados nacionais delimitados foram importantes para os estudos acadêmicos e sobre a preservação da memória em torno daquela sociedade. A Suécia é o exemplo dessa busca de desenvolver sua identidade nacional, no século XVIII na criação de nacionalidade original de sua nação, buscou realçar a sua cultura viking na sua arte em pinturas e em outras formas da cultura para demonstrar a uniformidade do povo Sueco.

O resultado da pesquisa é inacabado, necessitando mais folego para a continuação deste breve texto. Embora traga uma cultura distante da Brasileira, ela apresenta aspectos que possa se pensar as transformações do cristianismo,

as suas adaptações e suas diferente formas de conversão e cristianização de várias outras sociedades da Antiguidade até os dias atuais.

**ABSTRACT:** The proposal of this text is to understand the process of religious transition of the Scandinavian Vikings between the IX and XI centuries. The problem of this work reflects the causes and what were the tactics employed in the process of conversion and Christianization in Scandinavia. The development of centralized power in Scandinavia facilitated the administration of each region (Denmark, Norway and Sweden), and provoked the arrival of the missionaries sent by the French, English, German and the Roman papacy in the purpose of converting and Christianization of the Vikings of Scandinavia. The text then explores the importance of the relationship of power and social, through the conversion of Scandinavian kings by Christian missionaries, the importance of contact through colonization's and exploring the application of the new religion to the people of each kingdom.

**KEYWORDS:** Viking Age. Viking globalization. Viking conversion and Christianization.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. São Paulo: EDIPRO, 2016.

FERRETTI, Sérgio. **Sincretismo e religião na festa do Divino**. Revista ANTHROPOLÓGICAS, ano 11, volume 18(2): 105-122 (2007).

FUNARI, P.P. (Org.). **As religiões que o mundo esqueceu: como os egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses**. São Paulo: Contexto, 2009.

JONES, Gwyn. **A HISTORY OF THE VIKINGS**. 2 Ed. Nova York. Oxford University Press, 2001.

LANGER, Johnni. **Deuses, monstros e heróis ensaios de mitologia e religião vikings**. 1 Ed. Brasília. Editora: Universidade de Brasília, 2009.

\_\_\_\_\_. **Dicionário da Mitologia Nórdica símbolos, mitos e ritos**. São Paulo. Editora: Hedra, 2015.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Petrópolis. Editora Vozes, 2016.

OLIVEIRA, André Araújo de. **A importância dos Bispos na cristianização da Islândia Medieval**. In: Anais do V Encontro Internacional UFES/ Université Paris-Est, Vitória, ES, 27 a 30 de abril de 2015. <http://www.publicacoes.ufes.br/UFESUPEM/article/view/12355/8634>. Vitória: UFES, 2015. Acesso em: 03 out. 2019.

PAES FILHO, Orlando; COSTA, Ricardo da; LEMOS, Tatyana Nunes. **Vikings**. 1. Ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.

PALAMIN, Flávio Guadagnucci. **O guerreiro Viking na Edda Poética: religiões, mitos e heróis**. 169 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

RUSSELL, James C. **The Germanization of Early Medieval Christianity: A Sociohistorical Approach to Religious Transformation**. New York Oxford University Press, 1996.

SANMARK, Alexandra 2004. **Power and Conversion - a Comparative Study of Christianization in Scandinavia**. 322 f. Ph.D. Thesis. Occasional Papers in Archaeology 34. Uppsala.